

“Cautela com CPI do Judiciário”

O sistema de ar condicionado do Palácio da Alvorada sofreu uma pequena pane ontem à tarde com temperatura elevada em Brasília. O presidente Fernando Henrique Cardoso administrou bem o calor e saiu com um sorriso da biblioteca para o almoço que ofereceu ao **JORNAL DO BRASIL**. Depois de viver 100 dias de sufoco neste início de segundo mandato, Fernando Henrique está confiante de que o pior já passou. “A economia voltou a se estabilizar, o país mostrou mais uma vez que tem muita mais força do que se pensa”, disse o presidente, ironizando mais uma vez os especialistas que fizeram previsões pessimistas para este ano. “Eles não acertam uma.”

Após explicar que não perdeu a tranquilidade nem mesmo nos momentos mais críticos do ataque ao real, Fernando Henrique afirmou que, agora, só vê um fator de risco capaz de realimentar a crise: a CPI do Judiciário. “É ruim quando começa a haver enfrentamento institucional. Hoje, eu fiquei preocupado com a nota dos presidentes de Tribunais de Justiça, que incentiva os juízes a não atenderem as convocações da CPI”, disse, avaliando que o melhor caminho seria que os juízes procurarem o Supremo Tribunal Federal para decidir se devem atender ou não uma eventual convocação da CPI. Para o presi-

dente, “se for conduzida de maneira adequada, a CPI pode melhorar o funcionamento do Judiciário”. Mas Fernando Henrique faz uma advertência ao Senado: “A CPI do Judiciário talvez seja mais complicada que a das finanças do ponto de vista sistêmico. Ela tem de ser conduzida com cuidado, não pode entrar no mérito de julgamentos.”

Sem risco – Se há preocupação com o anunciado enfrentamento entre Legislativo e Judiciário, o presidente faz questão de deixar claro que o governo nada tem a temer da CPI dos Bancos. “Eu acho que não estamos em situação de risco sistêmico. Quem entende do jogo, o pessoal do mercado, sabe disso. Foi aí que eu disse: quer fazer CPI, tudo bem. O governo não agiu com safadeza. Se alguém fez alguma safadeza de caráter individual, que seja punido. Isso não contamina. Não vejo como, nesse momento, uma CPI sobre esses fatos ponha em risco a moeda ou o Banco Central”, ressaltou Fernando Henrique.

O presidente disse que não tem a intenção de “abafar a CPI”, preocupado com eventuais desdobramentos que os trabalhos no Senado possam ter. “Não quero abafar CPI nenhuma. Já cansei também de receber imputações de que quero isso ou aquilo”. Para Fernando Henrique, a abertura de uma CPI, às vezes,

pode funcionar bem, mas é preciso manter o equilíbrio. “Em certos momentos, CPI é bom porque faz uma catarse, agiliza mais, põe o dedo na ferida”, disse. “Mas eu tenho muito cuidado nisso. Já fui cobrado inúmeras vezes por não ter feito e acontecido. Sempre o presidente pode fazer. Vai lá, chama um, chama outro, pune, ameaça, demite, tira do ministério, faz não sei o quê. Não estão vendo o jogo democrático. O poder do presidente é muito grande, mas não pode ser usado da maneira como as pessoas gostariam que eu usasse para os fins delas”, afirmou.

A disputa entre os aliados por conta dos pedidos de abertura das CPIs é resultado, segundo o presidente, da busca de espaço político dentro do Congresso renovado. O senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), presidente do Congresso, propôs a abertura da CPI do Poder Judiciário. O senador Jader Barbalho (PA), presidente nacional do PMDB, foi o autor do requerimento com o pedido de abertura da CPI dos Bancos. “O que está havendo é uma guerra natural de todo Congresso novo”, opina Fernando Henrique. “Depois, começa a briga por 2000.”

Controle – O presidente lembrou que “a economia brasileira é mais forte do que se pensa”. “Houve

uma desvalorização, depois de um ataque cerrado à moeda, desde setembro do ano passado. Nós tentamos defender de todo jeito o acordo com o Fundo (Fundo Monetário Internacional). O mundo veio abaixo, o Brasil acabou! Acabou o real!”, afirmou Fernando Henrique. “Agora que começou a desafogar, o que aconteceu? Que banco quebrou? Esse Marka? Que banco é esse? Eu nunca tinha ouvido falar dele. Que empresa quebrou? Nenhuma! Que país foi contaminado pelo Brasil? Uruguai, Paraguai? Nenhum! Nós vamos sair mais fortes dessa confusão do que nós entramos”, garantiu o presidente.

Fernando Henrique disse que o governo nunca “perdeu o controle da situação”. O presidente revelou que “houve momentos muito difíceis”. “Janeiro foi muito difícil. Em setembro, a perda de reservas foi muito forte. Poucos países resistem a um abalo desse tipo em mês de eleição. “A equipe econômica não concordava nem com os juros ficarem lá em cima, nem com a mudança do regime cambial. Eu também achava que uma mudança de regime cambial súbita tinha um custo elevado e poderia parecer fraude eleitoral. Achava que tinha que manter a política, mas com o pressuposto da volta de financiamentos”.